

ANDARILHAGENS E... DOCÊNCIA E... AFETOS E... ESCRITAS E...

Francieli Regina Garlet¹
Marilda Oliveira de Oliveira²

Resumo: Na escrita que aqui exponho, busco apresentar o que tenho pensado como *pesquisar andarilho*. O pesquisador andarilho é entendido como aquele que anda, que recolhe coisas de suas andanças, que perambula ‘entre’ o que é instituído e que não tem moradia fixa. É pensado também, enquanto alguém que experimenta um espaço liso/nômade que busca vazar um espaço estriado (Deleuze; Guattari, 1997). Apresento também, dois afetos que recolhi de momentos distintos de andarilhagens, os quais dispararam algumas linhas de escrita sobre a docência; um deles capturado em um momento de deslocamento físico (fotografias de paineiras), e o outro de um momento de repouso físico (um ruído de folha seca). Andarilha sigo ainda à espreita de afetos que me permitam arrastar o já dito e o já visto para um espaço liso, onde seja possível produzir outras maneiras de ver e dizer a docência e outras maneiras de estar docente.

Palavras-chave: Pesquisar andarilho; espaço liso; espaço estriado; docência.

*Vitalino passava seu dia-a-dia a caminhar pelas estradas de terra,
retirando pedras grandes da estrada e
recolhendo gravetos que deixava nas casas que visitava
para alimentar o fogo no fogão a lenha...
Nas casas onde parava, pedia comida,
fogo para o cigarro e pouso para passar a noite.
Muitos diziam que ele era louco
e que ele não falava coisa com coisa.
Ora... Se ele tinha casa e família, por que ficava perambulando por aí?
Só podia ser louco...*

[Narrativa a partir de uma lembrança de um andarilho que visitava a casa de meus pais. 2014]

Do encontro das lembranças que tenho de Vitalino e dos conceitos de espaço liso e estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1997), brotou em minha pesquisa de mestrado, concluída em 2014, o que tenho pensado e operado como pesquisar andarilho. O pesquisador andarilho é entendido como aquele que anda, que recolhe coisas pelo caminho, que se desfaz delas ou as perde; que não tem moradia fixa, ou as tem, mas faz de outros lugares moradas provisórias ou fictícias. Um louco que, em seu delírio, foge aos padrões, perambula no ‘entre’, no ‘meio’ do instituído. Que não se fixa embora faça paradas. Que não se importa muito com o antes ou depois (ponto de partida e ponto de chegada), pois as aventuras que o potencializam se produzem no ‘meio’. O pesquisador andarilho se produz no processo, ao esboçar cartografias e as redesenhar infinitas vezes. Nesse processo o que ele pode apresentar são os mapeamentos mais recentes, pedaços do meio, pedaços daquilo que

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Mestre em Educação (Linha de pesquisa Educação e Artes) e Licenciada em Artes Visuais pela mesma Instituição. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC). E-mail: francieligarlet@yahoo.com.br.

² Professora associada III do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em História da Arte e Mestre em Antropologia Social, ambos pela Universidad de Barcelona, Espanha. Coordenadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura e Editora da Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais. E-mail: oliveira.marilda27@gmail.com.

cresce na superfície sinuosa que experimenta. Pedaços esses que mantêm ainda várias pontas pelas quais podem escapar ou se conectar a outras possibilidades.

Deleuze e Guattari (1997) definem o espaço liso como um espaço nômade onde o pensamento ganha velocidade. O espaço estriado, ao contrário, seria um espaço sedentário, em que o pensamento se dá a partir de uma organização. Embora apresentem uma diferença de natureza, estes dois espaços não param de provocar um ao outro, de produzir um ao outro. Os movimentos pelos quais buscam se manter são diferentes: enquanto o espaço estriado busca capturar o liso, colocá-lo em ordem, o espaço liso busca se dissolver no espaço estriado, busca fendas para vazá-lo, para desterritorializá-lo. Penso o pesquisador andarilho, portanto, enquanto alguém que experimenta um espaço liso/nômade.

Assim, enquanto andarilha, fico à espreita (DELEUZE, 1988-1989) de afetos que possam disparar andarilhagens, que me permitam experimentar um espaço liso/nômade onde o pensamento ganha velocidade. Tal como um animal que está sempre à espreita do que acontece a sua volta, farejo afetos que possam entrar numa zona de vizinhança com a docência, violentando o pensamento a pensar. Que escritas podem surgir de tal aliança? Desses encontros que mantém a heterogeneidade de cada um dos envolvidos, e que os lança a outras maneiras de existir?

Os pedaços do meio que apresento nesta escrita são recolhidos do encontro entre a docência e dois afetos que acolhi em situações diferentes de andarilhagem. O primeiro é capturado em momentos de deslocamento físico (paineira), e o outro de um momento de repouso físico (folha seca).

Andar e andarilhar...

*Eis que a parte nuvem da árvore encontra uma brecha...
Ganha potência...
Desgruda de si a parte que lhe prende e aos poucos vai se dissolvendo no vento...
E se vai...
Até cair leve no chão de algum lugar...*
[Escrita disparada pelo encontro com paineiras em uma andança cotidiana.
Cascavel, 2014]



Figura 01: Fotografia produzida em meio às andanças cotidianas – manipulada digitalmente por mim. (Cascavel, 2014).

Fonte: Acervo pessoal



Figura 02: Fotografia produzida em meio às andanças cotidianas. (Cascavel, 2014). **Fonte:** Acervo pessoal.

Que sedimentos estancam os fluxos da docência, a burocratizam, e tentam separá-la do que ela pode? (DELEUZE, 1976) Como podemos rachar esses sedimentos? Espreitar em meio à imanência do estar docente devires paina³... Abraçar a coragem de cair no abismo e, leve, experimentar outros lugares, voltar outra?



Figura 03: Fotografia produzida em meio às andanças cotidianas. (Cascavel, 2014). **Fonte:** Acervo pessoal.

Pousar provisoriamente, em estado de nuvem, nestas terras que se dizem firmes (mas que pulsam enquanto rizomas bordam sua superfície) escutar aquilo que ali pulsa, e espreitar então as pulsações que convidam a habitar outros lugares...

³ Fibra que envolve a semente da paineira, semelhante a algodão.

Que pulsações experimentamos a cada vez nas superfícies que habitamos enquanto docentes? Que outros lugares estas pulsações nos convidam a habitar? Como retornamos a cada vez destas experimentações? De que maneira, enquanto docentes, podemos experimentar as pequenas tragédias, de um modo afirmativo, como forma de movimento? Que possibilidades podem surgir ao darmos boas-vindas ao acaso que chega? Ao acolhermos, em nossas experiências educativas aquilo que nos tira a firmeza do chão?

Parar e andarilhar...

Ao contrário do que comumente pensamos, o nômade não se dá apenas no movimento físico no espaço, pois ele tem a pausa também como parte do processo. “Por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso que se recusam a abandonar” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 189). Para ser nômade, não basta se locomover, é necessário manter um espaço liso, no qual o pensamento possa se movimentar, um espaço aberto, sem fronteiras ou organizações, um espaço de exterioridade desprendido da universalidade.

*Há ruídos que rasgam o silêncio da noite e me jogam pra fora do sono.
Ontem, por exemplo, um destes ruídos me convidou a habitar as aventuras de uma
folha seca...*

*Peguei um gosto danado por aquelas que ficam à espreita do vento,
aqueelas que o esperam silenciosas, prontas para dar o bote
aqueelas que quando percebem sua chegada, agarram-se nele, e ficam por horas a
brincar de arranhar o asfalto só para ver ficarem para trás fragmentos de si por
onde passarem, só para despedaçarem-se, perderem-se em mil direções e dar boas
gargalhadas...*

Ficar miuda até tornar-se outra coisa...

*Quem sabe chão quem sabe vento,
ou quem sabe apenas um delírio de quem está à espreita do sono e não consegue
agarrá-lo.*

[Escrita disparada pelo ruído de uma folha seca. Cascavel – 2014]

Pode a docência devir folha seca à espreita do vento, dar gargalhadas, pegar delírio a partir do que ela encontra seja nos espaços de atuação ou fora dele?

Enquanto docentes muitas vezes esperamos a tranquilidade a partir de um planejamento inicial, esperamos o sono, a calmaria, mas, vem o vento e arrasta o que planejamos desmanchando-o e fazendo-o ficar miúdo a ponto de tornar-se outra coisa; vem o ruído para disparar coisas não programadas; e vem o silêncio, um vazio que ao invés de nos acalmar e nos propiciar o sono, tem a mesma potência do ruído que desacomoda, pois há tantas coisas se entrechocando nele, que nada ali é calmaria. Para além do que é dito e visto na docência, na atuação docente, há o vento que sopra no pensamento, despedaçando o que tinha forma e produzindo (ou não) formas outras, ainda não imaginadas.

Não há tranquilidade, já não consigo experienciar/acumular a docência como identidade, apenas experimento lugares, acontecimentos, ao estar a cada vez docente, ou seja, ocupo a cada vez uma posição na poeira dançante que se ergue a cada aula a partir do que digo, ouço, vejo...

Sigo à espreita...

Inventar e manter um espaço liso, recusar-se a abandoná-lo... Alimentá-lo com os afetos que se produzem em meio à vida... Onde podemos conectar diferentes elementos, de um salto aproximar elementos que estavam distantes um do outro... Deslocarmo-nos em diferentes velocidades, mesmo em momentos de paradas... Manter um espaço onde se possa devir paina, aproveitar as brechas que se produzem ‘entre’ um instituído e outro, pegar em meio às batalhas travadas ali, as flechas que os adversários trocavam entre si e lançá-la a distâncias e assim vazar, produzir outros modos de existência... Espreitar o vento agarrar-se nele, manter-se nele, não na tentativa de domá-lo, mas aprender os signos do seu movimento e assim habitá-lo.

Pode a docência produzir tal espaço onde possa andarilhar e ganhar velocidade? Como inventar vazios intensivos em meio a tantos ditos e vistos que estão exaustos de se repetir em nossas experiências educativas? Como suportar os vazios silenciosos e como não morrer no entrechoque com as poeiras que passeiam neles?

Andarilha, sigo à espreita de afetos que me permitem arrastar o já dito e o já visto para um espaço liso, embaralhando-os ao informe, e trazendo outras coisas para batalha, coisas ainda sem forma que, aos poucos e silenciosamente, vão produzindo outras maneiras de ver e dizer a docência, outras maneiras de estar docente.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. 1. ed. brasileira. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.